

# destroços

emily bleeker

Tradução de Maria João Trindade



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Para o meu marido, Joe. És o meu melhor amigo, o meu confidente e a única  
pessoa com quem gostaria de ficar perdida numa ilha deserta.*



## CAPÍTULO 1

LILLIAN

*Presente*

**A**s vezes, temos de mentir. Às vezes, é a única forma de protegermos os que nos são queridos. Lillian repetia aquelas palavras para si mesma enquanto remexia na aliança de casada. Repetira-as todos os dias durante os últimos oito meses; talvez naquele dia acreditasse. É a única forma, repetiu Lillian, girando o anel de ouro à volta do dedo, uma vez por cada mentira que tinha contado. Ao perder a conta pela terceira vez seguida, enfiou a mão debaixo da coxa, para evitar contar novamente. Se ao menos fosse mais difícil mentir, talvez ela conseguisse parar. Mas mentir era fácil; pelo menos, era mais fácil do que contar a verdade.

*E nada de chorar*, ordenou a si própria, com firmeza. Já tinha tido a sua dose de choro à frente de estranhos. Naquele dia, estava determinada a mostrar ao mundo o seu lado forte, não a sua cara feia de choro. Ninguém quer ver isso. Além disso, se chorasse, ia estragar a maquilhagem que lhe cobria todo o rosto. Era mais maquilhagem do que tinha usado durante anos, e uma jovem simpática chamada Jasmine estava a espalhar outra camada.

Quando Jasmine sacou de uma enorme lata de aerossol cor-de-rosa e borrifou o cabelo de Lillian até este ser considerado um perigo de incêndio, pareceu ter terminado. Recuando para analisar o resultado final, a rapariga encolheu os ombros como quem diz: «Melhor do que isto, não fica». Não era propriamente encorajador.

Enquanto a rapariga da maquilhagem se afastava a bambolear-se,

Lillian ficou sentada em silêncio, a olhar para as suas unhas arranjadas e pintadas de *bordeaux* e a sentir-se como se estivesse a brincar às casinhas. Sendo uma maria-rapaz quando era criança, e agora mãe de dois rapazes, nunca gostou muito de mudanças de visual; mas não podia negar que era tentador, fingir ser uma pessoa completamente diferente. Se não podia ser a velha Lillian e não suportava a pessoa em que se tornara, então a Lillian falsa seria provavelmente a melhor opção.

A casa, tal como ela, também tinha sido transformada, em preparação para a equipa de filmagens. Ao fim de uma semana a fazer as limpezas sozinha, Lillian finalmente desistiu e contratou um serviço de limpeza que deixou a casa colonial de dois andares totalmente imaculada. Claro que bastaram cinco minutos para alguns assistentes de produção decidirem que estava tudo errado.

Tinham entrado disparados pela porta da frente, logo a seguir ao nascer do sol. Demasiado nervosa para tomar o pequeno-almoço, Lillian observou em silêncio enquanto um dos assistentes temperamentais — um que cheirava a café e tabaco — corria de divisão em divisão a recolher todos os retratos de família que estavam expostos pela casa. Depois de levar as poltronas antigas do escritório para a sala, pondo uma de cada lado do piano vertical dos Linden, colocou estrategicamente os retratos sobre a tampa do piano.

Afastando uma mecha de cabelo quebradiço dos olhos, Lillian analisou as posições finais das fotografias. O retrato de família do salão principal substituiu a tela floral que estava pendurada sobre o piano, e a foto de Jerry e dos rapazes, da mesinha de cabeceira de Josh, estava encostada à foto com moldura prateada de Lillian de mãos dadas com dois rapazinhos de mochila às costas.

Naquela foto, ela parecia uma estranha. Quanto tempo teria passado? Três anos, talvez quatro? Aqueles longos cabelos castanhos caíam-lhe em redor do rosto, e um sorriso genuíno abrilhantava os seus olhos cor de esmeralda. Nessa altura, a sua pele era cremosa como leiteiro, com sardas espalhadas pelo nariz, como se fossem canela. Se Lillian encontrasse aquela mulher numa reunião de pais, teria vontade de a convidar para comer um gelado e juntar os miúdos para brincarem. Ela parecia feliz.

Duas molduras ao lado, estava uma foto do salão do andar de cima. Tinha sido tirada há vários meses, quando Jerry se apercebeu de que não se tinham sentado todos juntos para tirar um retrato de família desde que... desde que ela voltara para casa. Jerry escolheu as cópias finais, porque

Lillian não o quis fazer. Ficaram péssimas. Os rapazes pareciam pouco à vontade com as suas gravatas a condizer, e o braço de Jerry parecia pairar à volta de Lillian, como se ele não suportasse tocar-lhe. Agora o retrato ia aparecer na televisão nacional. Toda a gente iria ver as duas Lillians, lado a lado, o antes e depois. A Lillian de «depois» cortou os seus longos cabelos e afastou a franja do rosto com ganchos. O seu sorriso era tenso e forçado, e os seus olhos já não eram cor de esmeralda, mas de um pálido verde-jade.

Lillian imaginou aproximar-se do piano e atirar todas as fotos ao chão. Bastaria um movimento brusco do braço para apanhá-las a todas. Cairiam ao chão, num monte de vidro e papel brilhante. Mordendo o lábio superior, conteve um sorriso divertido. Só o facto de o visualizar já lhe dava tanta satisfação, mas a última coisa que queria naquele momento era atrair mais atenções para si mesma.

Para evitar mais fantasias violentas, Lillian desviou o olhar da fila de molduras repletas de caras sorridentes e concentrou-se em procurar pó no piano. A superfície de mogno era um íman para o lixo, e o cheiro do óleo de laranja que ela lhe tinha passado ainda pairava no ar. Lillian adorava aquele piano. Mesmo antes de Josh nascer, tinha praticamente obrigado Jerry a comprá-lo. Ele tinha-se rido dela, visto que nenhum deles tocava uma nota que fosse, mas ela tinha insistido. O piano não era para eles; era para o bebé que crescia dentro dela; para Josh e depois para Daniel.

Lillian abanou a cabeça. Não era de admirar que aquela jovem mãe nas fotos sorrisse com tanta facilidade; ainda não sabia que às vezes a vida faz escolhas diferentes das nossas. Vida estúpida.

A pesada porta da frente de carvalho abriu com estrondo, sobressaltando Lillian. Uma mulher alta e estreita de ossos, de fato castanho-claro, entrou de rompante, como se tivesse vivido ali toda a vida. Lillian observou-a, fascinada. Reconheceria aquele rosto em qualquer lado: o nariz longo e fino e as maçãs do rosto altas e cavadas, o cabelo loiro que se mexia como um capacete de palha penteada, e aqueles olhos, de um azul tão claro que quase desapareciam. Todos pertenciam, sem dúvida, a Genevieve Randall, do *Headline News*. Lillian e Jerry costumavam ver o noticiário todas as sextas à noite, discutindo em tom de brincadeira acerca das sagas da vida real que a M.<sup>a</sup> Randall relatava no ecrã. Era ainda mais magra na vida real.

*Bonito. A câmara engorda mesmo cinco quilos.* Lillian encolheu o pneu da barriga para trás do cinto.

A equipa de filmagens enfiou um microfone dentro das costas da camisa e do casaco da repórter de investigação e depois prendeu-o discretamente

na sua lapela. Lillian ficou impressionada por Genevieve ignorar tão bem as mãos que andavam aos apalpões dentro da sua blusa. Baralhou um maço de cartões até eles terminarem. Depois endireitou o casaco, amaciando a blusa branca de seda que espreitava por entre o «V» das suas lapelas. Apanhando mais alguns papéis, empilhou-os de forma organizada antes de voltar o seu olhar fantasmagórico para Lillian.

Por instantes, pareceu que a repórter estava a olhar através dela, ou antes, para dentro dela, como se conseguisse ver todos os segredos alinhados no interior da mente de Lillian. Deu-lhe vontade de cruzar os braços à volta do corpo para afugentar os olhos de raio-X.

— Sr.<sup>a</sup> Linden — chamou Genevieve Randall, do outro lado da sala, com a voz a ecoar na entrada de dois andares. — É tão bom vê-la em pessoa. Obrigada por ter aceitado falar connosco hoje. — Os seus sapatos de salto alto com solas vermelhas estalaram ruidosamente no chão de madeira, enquanto atravessava a sala até à segunda poltrona, em frente a Lillian.

*Como é que a Genevieve Randall me conhece?*, pensou Lillian por instantes. Depois lembrou-se. Toda a gente sabia quem era Lillian Linden; o seu rosto tinha estado na TV de forma intermitente durante os últimos dois anos e meio. Era um facto que ainda a apanhava de surpresa.

Genevieve Randall sentou-se na cadeira como uma pena a cair, assumindo imediatamente a posição de repórter: costas direitas, ombros descontraídos e um sorriso instantâneo no rosto.

— É um enorme prazer conhecê-la, Sr.<sup>a</sup> Linden — disse a repórter, estendendo uma mão com dedos compridos e magros.

— Igualmente — sussurrou Lillian, forçando um sorriso nervoso e cumprimentando aquela mão fria, com esperança que os seus calos resistentes não arranhassem a suave pele de bebé da M.<sup>a</sup> Randall.

— Fiquei entusiasmada quando o meu produtor deu luz verde a este projeto. — A M.<sup>a</sup> Randall dobrou as mãos com modéstia sobre uma pilha de papéis que tinha no colo. — Acompanhei a sua história desde o início. Mal posso esperar por ouvi-la do seu ponto de vista.

— Bem, obrigada por ter vindo. — Lillian remexeu-se no assento.

— O prazer é meu. Agora, vamos começar daqui a uns minutos. E por favor, lembre-se de tentar pôr-se à vontade enquanto estiver a entrevistá-la. Responda às perguntas como se fôssemos amigas que se sentaram para tomar um café, está bem? Lembra-se daquela lista de perguntas que lhe mandei? Planeio cingir-me a elas, por isso nada de surpresas. Só preciso que me

responda da forma mais descritiva e precisa possível, acha que consegue? — Sorriu, com os dentes que já tinham sido branqueados tantas vezes que já estavam quase transparentes.

— Eu... eu vou fazer o melhor que puder. — Lillian tinha gotas de suor na testa, que ameaçavam cair e estragar-lhe a camada de maquilhagem.

— E você *compreende* que esta entrevista é exclusiva? Depois de assinar o nosso contrato, não poderá aceitar mais ofertas.

— Compreendo perfeitamente. — Lillian mordeu o interior da bochecha. A cláusula de exclusividade do contrato era o único motivo pelo qual aceitara dar uma entrevista ao *Headline News*. Aquela pequena expressão era a sua forma de fugir ao circo mediático em que se tornara a sua vida. Se conseguisse sobreviver a esta entrevista, estaria finalmente a salvo.

— Pronto, eu tinha de tratar das questões legais. — Genevieve olhou em redor. — Agora, onde está o seu marido, Sr.<sup>a</sup> Linden? O Jerry? Tinha esperança de falar com ele quando terminássemos.

— Está lá em cima a arranjar-se. — Lillian levantou o polegar para roer a unha, mas parou quando se lembrou do verniz cintilante. — Eu disse-lhe que ele não tinha de assistir a toda a entrevista; é mais fácil para ambos assim.

— Tudo bem. Isto é sobre si. Só quero que se sinta à vontade. Então e os miúdos? — A tampa de um marcador grosso e vermelho estalou contra os seus dentes, enquanto revia as suas notas.

— Estão em casa da vizinha — respondeu Lillian, semicerrando os olhos. — Pensei que tinha deixado claro que não os queria envolver nisto. — Os miúdos já tinham passado por muito, já chegava de entrevistas. Há muito tempo que ela e Jerry tinham chegado a acordo em relação a essa questão.

Genevieve olhou para cima.

— Não, não. Só queria tirar uma foto de família no fim. Não se preocupe, Lillian, nada de perguntas.

— Está bem, talvez *uma* foto. — Josh e Daniel estavam muito habituados a máquinas fotográficas nos últimos anos. Provavelmente nem se aperceberiam de uma a disparar ao fundo.

— Certo, estou quase pronta. — Genevieve estalou os dedos para o homem de auscultadores, com impaciência. — As minhas perguntas, Ralph.

O jovem com cabelo loiro em tons de terra e óculos de armações pretas demasiado grandes, que tinha reorganizado todas as fotografias de Lillian, correu em direção à repórter, fitando o chão como um cão dominado pelo



macho-alfa. Ela virou algumas páginas amarrotadas e rabiscadas na mão do estagiário e depois continuou a verificar o seu maço de cartões.

— Revê essas notas com o Steve antes de começarmos — ordenou Genevieve Randall. O jovem esgueirou-se de forma submissa. Lillian já estava suficientemente intimidada.

Depois de fazer um *sound check* com a equipa, Ralph ajudou Lillian a verificar o seu microfone e depois chamou Jasmine para um retoque de última hora em ambas as mulheres, embora Lillian estivesse certa de que era apenas para seu benefício. Depois tudo ficou terrivelmente silencioso, com apenas Genevieve a mexer-se. Arranjando o seu cabelo já perfeito, esta disse:

— A gravar. — As câmaras ligaram-se.

— Cinco, quatro, três, dois, um... Entrevista com Lillian Linden.

## CAPÍTULO 2

LILY - DIA 1

### *Fiji*

As portas abrem-se facilmente, e o calor húmido das Fiji entra e mistura-se com o ar condicionado bafiento do interior do pequeno aeroporto. Respiro fundo. O cheiro do ar refrigerado que se escapa para a atmosfera é aparentemente o mesmo em qualquer parte do mundo.

— Bem, Lillian, olha só para nós, parecemos do *jet-set*. — Margaret enfia a sua mão marcada pela idade na dobra do meu braço, apressando-nos na direção de um pequeno jato que surge no horizonte. — Gostava de ter vestido algo mais... apropriado à ocasião.

Na estância, eu tinha vestido um par de *jeans* cortados e um top verde de alças já gasto, por cima do meu fato de banho, dois minutos antes de a limusina chegar. Mal tinha calçado as minhas Nike estragadas quando o paquete atirou as minhas malas para dentro do carro. Ninguém se preocupa com a nossa aparência nas Fiji, tirando a Margaret. Até podia descer à praia nua, que os rapazes da estância só me iriam perguntar se eu queria mais um coquetel.

Já estávamos nas Fiji há uma semana, e eu ainda não tinha carregado a minha própria mala. Toda a gente parece ter ordens rígidas para nos tratar como celebridades. Entre as quantidades ridículas de comida e a falta de exercício forçada, sou capaz de voltar para casa com mais dez quilos.

— Desculpe, Margaret, era tudo o que eu tinha de lavado. Ninguém me disse que havia um código de vestuário.

— Não é um código de vestuário, é uma questão de autoestima. Se não o podes fazer por ti própria, pelo menos pensa em mim. Matava-te, usar um pouco de maquilhagem ou prender o cabelo? — Margaret sacode o próprio cabelo, como que para demonstrar o esforço que uma mulher deve ter com a sua aparência. — Tens uma cara tão bonita, porque é que não deixas que os outros a vejam? — Tenho dezenas de respostas na ponta da língua, mas não digo nada. Nunca digo.

— Tenho alguma maquilhagem na mala. Vou maquilhar-me um pouco quando nos sentarmos, se isso fizer com que se sinta melhor. — Margaret encolhe-se, olhando para a minha mochila JanSport da faculdade, com aspeto *grunge*, que é a minha versão de uma bolsa de senhora. Isso enlouquece-a. Tenho um armário cheio de bolsas que ela me deu ao longo dos nove anos de casamento com o Jerry, cada uma representando uma tentativa de me trazer para a civilização. Até posso usá-las em ocasiões especiais, mas nunca as uso quando estou com a Margaret; é a minha forma extremamente passivo-agressiva de lhe dizer que não manda em mim.

— Sim, querida, obrigada. — Surpreendentemente, desta vez não faz comentários sobre a mala. — Acho que te vais aperceber de que *tu* também te vais sentir melhor. — Dá-me palmadinhas enérgicas no braço, e eu engulo as minhas palavras. Custam mais a descer, de cada vez que o faço.

Margaret parece agora ter nascido para este estilo de vida, embora nunca o tenha vivido. Como jovem viúva de um delegado no Iowa rural, comprava pechinchas e recortava talões de desconto. Mas ao longo da semana passada dominou a arte de acenar na direção da bagagem e enfiar uma gorjeta nos dedos tocados com delicadeza.

Hoje está toda vestida de branco, com um conjunto que parece tirado de 1983. Definitivamente, parece mais preparada para um almoço de senhoras do que para uma viagem de avião, mas acha que é o cúmulo da moda. Tirando o fato, está muito bonita. O cabelo armado forma um halo cor de mel cremoso, e tem os óculos-de-sol pousados descontraidamente a meio do nariz. Quando sorri, as rugas delicadas das suas bochechas realçam o brilho empoeirado da maquilhagem que aplicou cuidadosamente esta manhã.

— Ora, aqui estamos nós. — Arqueja.

Visto de perto, o jato impressiona ainda menos. Tem uma risca vermelha e azul de lado, o que faz com que pareça mais um acessório de um filme do que uma máquina na qual devemos voar. É pequeno, muito mais

pequeno do que eu imaginaria que seria um jato. Conto três janelas em fila, na direção da cauda, e nenhuma área de carga visível.

O programa diário que nos enfiaram debaixo da porta esta manhã dizia que estaríamos dentro deste avião durante quase quatro horas e meia. Um tipo qualquer da Carlton Yogurt deve vir ter connosco ao avião e acompanhar-nos à «ilha privada». Quatro horas com a minha sogra e um desconhecido? Talvez tenha de tomar um dos soporíferos da Margaret para aguentar a viagem.

Temos de subir apenas três degraus para chegar à entrada do pequeno jato cinzento. Margaret sobe rapidamente os degraus primeiro, e eu não protesto. Desde o início, estas têm sido as férias dela, por isso eu deixo-me levar. Resulta bem para ambas: ela consegue o que quer durante a maior parte do tempo e, em troca, eu não enlouqueço.

Quando nos telefonou a dizer que tinha ganhado uma viagem às Fiji num sorteio em que tinha participado, não acreditei. Pensei que tinha sido aldrabada por um vendedor que falava depressa. Margaret vive a quatro horas de distância de nós, numa comunidade de reformados em The Middle of Nowhere<sup>1</sup>, no Iowa, e é a única pessoa do mundo que anseia por receber chamadas de telemarketing.

Eu gosto *mesmo* da Margaret, à minha maneira, mas isso não quer dizer que ela seja uma senhora fácil de lidar. Antes de vir para as Fiji, pensei nesta viagem como penso numa ida ao ginecologista: necessária, mas desconfortável. Mas o Jerry achou que eu precisava de uma pausa da minha vida de mãe, e a Margaret achou que seria bom para «criarmos laços». Por isso, aqui estou eu.

Ainda bem que lhes dei ouvidos. As Fiji são o paraíso, mesmo com a Margaret de arrasto. Não sei se é do clima perfeito ou do aroma inebriante a flores que paira no ar, mas há algo de diferente nela, em nós. Sem o Jerry e os rapazes por perto, as «sugestões» da Margaret acerca de como ser uma mãe e esposa perfeita estão reduzidas ao mínimo. Consequentemente, está a ser muito mais fácil para mim desfrutar do paraíso do que pensei inicialmente.

Baixando a cabeça para passar pela entrada curva, passo uma pequena esquina e deparo-me com o interior do avião. A primeira coisa em que reparo são cinco assentos de cabedal impecáveis, dois alinhados, um atrás do outro em cada lado de um pequeno corredor, e mais um na traseira, ao centro. Margaret encolhe-se para passar pela nossa hospedeira, que anda de

---

<sup>1</sup> «No meio de nenhures», como é conhecido o estado do Iowa.

um lado para o outro, em silêncio, na parte da frente do avião, e dirige-se para a segunda fila de lugares. Há ecrãs de televisão nas costas de todos os assentos, bem como bebidas e petiscos suficientes para toda a turma do jardim de infância do Daniel. Parece que estava enganada; isto é viajar com estilo. Quer dizer, comida e televisão? São férias ao meu gosto.

Devia ter confiado na Janice, a representante da Carlton. Estava sempre a dizer-nos que a segunda metade da nossa viagem ia ser fantástica. Ela nunca foi a Adiata Beach. O chefe dela costuma ir em ambas as partes da viagem, mas não estava disponível na primeira semana deste ano, a nossa semana nas Fiji. Fizeram um enorme sorteio no departamento de R.P. para ver quem iria em vez dele, e a Janice ganhou. Estou aborrecida por ela não estar connosco agora, mas ela diz que o chefe é um tipo simpático. De certeza que não me vai fazer rir como ela; aquela mulher era hilariante. Deu-me o endereço de e-mail dela para mantermos o contacto.

— Desculpe, menina, pode trazer-me água, se faz favor? — grita Margaret para a frente do avião, antes de se deixar cair no seu lugar.

— Margaret — sussurro —, eu posso ir buscar.

— Não, querida; é o trabalho dela. Deixa que ela o faça — diz ela, embaraçosamente alto.

Uma mulher de cabelo loiro em tons de areia desce o corredor calmamente. As rugas finas que lhe rodeiam os olhos e a boca dão-lhe uma aparência tão simpática quanto a sua voz.

— Olá, fofa, o que posso fazer por si? — Tem um sotaque do sul, doce e arrastado.

— Pode trazer-me água, engarrafada, se possível? Sem gelo. Só um copo. — Margaret faz uma pausa para pensar em algo, em silêncio. — Calculo que a água já esteja fresca?

— Claro.

— Ótimo. Lillian, diz o que queres a esta senhora simpática.

— Estou bem, obrigada. — A última coisa que quero fazer é dificultar a vida à assistente de bordo. Para isso, já tem a Margaret.

— Ela vai beber o mesmo que eu — diz Margaret com um ar de autoridade que me impede de continuar a discutir.

À medida que a hospedeira se pavoneia para a frente do avião, enfio a mão no bolso da frente, com fecho, da minha mochila; o meu bolso para os livros. É do tamanho perfeito para qualquer tipo de romance, embora certos tipos de literatura russa possam alargá-lo até perder a utilidade. Quando tiro o meu livro e o abro na primeira página, já a hospedeira voltou.

Esta senhora é mesmo muito competente, ou então é vidente. Dá um cobertor, uma almofada e guardanapos a mais à Margaret. Provavelmente até lhe daria lombo assado, se ela pedisse, o que felizmente não pede. Com as mãos nas cadeiras de cada lado, a hospedeira avalia-nos.

— Se as senhoras precisarem de mais alguma coisa, chamo-me Theresa. Deem-me uma apitadela.

Margaret abana a cabeça, demasiado ocupada a desatarraxar uma tampa de garrafa à prova de crianças, e a organizar um arco-íris de comprimidos, para lhe responder. Enfia dois círculos brancos na boca e engole. Vai ficar inconsciente por algumas horas, pelo menos.

— Obrigada. — Tento salvar uma réstia de boa educação. Theresa abana a cabeça, aparentemente mais divertida do que ofendida.

— Espera-nos um voo calmo; estou certa de que irá dormir bem. Boa noite, querida — diz Theresa para Margaret, num tom carinhoso. Depois atira-me uma garrafa de água gelada. — Aqui tem.

— Obrigada. — Enfia-a no bolso aberto da minha mochila, para mais tarde.

— Sem problemas, fofa. Afinal de contas, é *mesmo* o meu trabalho. — Os olhos dela brilham, e percebo que ela ouviu a Margaret há pouco. — Agora recoste-se e descontraia. O Dave deve chegar daqui a pouco e já poderemos seguir viagem.

— Dave? — O nome soou-me familiar. — É o piloto?

Theresa abana a cabeça; as madeixas rijas cor de trigo fazem-lhe cócegas no rosto.

— Não, o Dave é o tipo dos iogurtes. Não se preocupe, ele é simpático. E até é giro.

— Dave Hall? — Acho que era esse o nome que a Janice me tinha dito.

— Sim, senhora; é ele mesmo.

### CAPÍTULO 3

DAVE

*Presente*

**R**ecebeu a chamada às 5:30. Dave estava na cama, entre o sono e um estado de consciência, e os seus olhos abriram-se rapidamente ao primeiro toque estridente. Demasiado. Cedo. O telefone estava pousado em cima de uma mesinha preta, do seu lado da cama.

Olhou de relance para a esposa, ainda a dormir profundamente com a sua máscara preta de cetim e os tampões de ouvidos comodamente colocados. Dave achava que só nos filmes é que as pessoas dormiam assim; depois conheceu a Beth. Ela tinha mais requisitos para uma boa noite de sono do que qualquer pessoa na história da Princesa e a Ervilha. Isso costumava irritá-lo, mas agora começava a achá-lo enternecedor.

O telefone voltou a tocar. Apesar dos tampões nos ouvidos, Beth remexeu-se e empurrou uma das almofadas para cima da cabeça. Os caracóis dourados e estreitos transbordavam por baixo da almofada. A cama deles tinha mais cobertores do que a de qualquer outra pessoa na cidade soa-lheira de Los Angeles. Beth mantinha o ar condicionado a dezoito graus, levantando o dedo do meio aos ambientalistas e congelando o marido ao mesmo tempo. Abanando a cabeça para acordar, Dave pegou no telefone antes que voltasse a tocar.

— Estou — atendeu, com a voz rouca do sono.

— Sim, estou a ligar para falar com David Hall. Ele está disponível?

Telemarketing. Os pensamentos de Dave rapidamente se tornaram tempestuosos.

— São CINCO da manhã e tenho a certeza que não quero o que você está a vender. Tire-me da vossa lista e nunca mais me telefone, se faz favor — resmungou Dave.

Antes que batesse com o auscultador, a voz continuou a falar.

— Espere, por favor. A Lillian Linden disse-me para lhe telefonar.

Dave fez uma pausa e depois voltou a encostar o telefone ao ouvido.

— Como disse? — O coração batia-lhe descompassadamente, num misto de fúria atenuada e curiosidade crescente.

— Hã, sou do *Headline News*. Estou a ligar com um recado de Lillian Linden. — A voz era jovem e muito nervosa.

Dave virou-se na cama e sentou-se devagar, apertando mais o telefone contra a orelha. Estremecendo quando os seus pés descalços tocaram o chão de madeira, caminhou com destreza em bicos de pés até ao quarto de banho principal, anexo ao quarto. Depois de fechar a porta com um ligeiro clique, Dave permitiu-se falar em voz alta.

— Oiça, não sei quem você é, mas por alguma razão o meu número não vem na lista telefónica. Já vos dei tudo o que queriam: entrevistas, sessões fotográficas, aparições. Quero que me deixem, a mim e à minha família, em paz — resmungou Dave.

— Acho que não está a compreender, Sr. Hall; estou a ligar-lhe com autorização da Sr.<sup>a</sup> Linden. Foi *ela* que me deu o seu número.

— Ah, pois claro. — Dave bufou. — A Lillian deu-vos o meu número? *Claaaro*. Sabes que mais, miúdo? És muito baixo para a arrastar para isto. Não achas que ela já passou por muito? Passa-me ao teu editor ou produtor, ou seja lá quem for o teu chefe, porque vou esforçar-me ao máximo por fazer com que te despeçam.

O silêncio ecoou no telefone. Dave começou a achar que o miúdo tinha desligado, quando ouviu vozes indistintas ao fundo e depois o ruído de um telefone a mudar de mãos.

— Estou, Sr. Hall? Sr. David Hall? — Desta vez, era a voz de um homem, definitivamente autoritária.

— Sim, e com quem estou a falar? — Dave assumiu o seu tom mais profissional, aquele que usava quando falava com gestores no emprego.

— Chamo-me Bill Miller. Sou produtor aqui no *Headline News*. Disseram-me que quer falar comigo.

— Sim, senhor. Não sei quem era esse miúdo, mas como lhe disse, não faço mais entrevistas nem aparições. Fiz um esforço por regressar ao anonimato e gostaria de continuar por esse caminho. De futuro, gostaria



que se esquecesse que o meu nome e número de telefone alguma vez existiram — disse Dave, rangendo os dentes. — Principalmente às CINCO da manhã!

— Peço imensa desculpa, Sr. Hall. — Bill Miller suspirou. — O Ralph, o meu estagiário da produção, não se apercebeu de que o senhor está na Califórnia, enquanto nós estamos em *Nova Iorque*, e não teve em conta o *fuso horário*. — Bill enfatizou aquelas palavras, provavelmente em benefício do patético Ralph.

— Está bem, está bem. A hora foi um mal-entendido, mas mesmo assim, esse tal de Ralph veio-me com uma história de ter conseguido o meu número através da Lillian Linden. Sei que isso é mentira. Não sei como descobriram o meu número, mas já deixei bastante claro: não quero dar mais entrevistas à imprensa.

Bill fez uma pausa constrangedora.

— Bem, Sr. Hall, lamento dizer-lhe que foi *mesmo* a Sr.<sup>a</sup> Linden a dar-nos o seu número de telefone. Ela concordou em participar num exclusivo do *Headline News*, dedicado ao relato de toda a vossa história.

A boca de Dave abriu-se, mas não saiu qualquer palavra. A Lillian ce-deu? Há meses que não se falavam, mas este tipo de notícia merecia definitivamente um telefonema de aviso. Claro que ela não iria partilhar «toda a história», como o Sr. Miller dissera. Dave não estava com receio disso. Mas oferecer uma entrevista exclusiva a um programa de notícias conhecido pela sua agressividade? Era mais do que confuso.

Dave passou uma mão trémula pelo seu cabelo despenteado, sentindo um enorme nó a contorcer-se dentro de si. Mais do que qualquer outra coisa, queria telefonar-lhe, ouvir o seu riso ondulante e saber que ela estava feliz. Estava ansioso por ouvir falar dos miúdos, da sua nova vida, de... mas sabia que era impossível. Nenhum contacto; era esse o acordo.

— Lamento, Sr. Miller, o senhor parece um tipo simpático, mas não estou interessado. — Tentou parecer determinado. — Não quero voltar a essa ribalta e a minha família também não. Terá de fazer isto sem mim.

Uma pequena gargalhada ecoou pelo auscultador.

— Sabe, ela disse que o senhor diria isso. E foi quase palavra por palavra. É de loucos.

Um sorriso contrariado invadiu o rosto de Dave. Realmente, Lily tinha sempre a capacidade inquietante de prever os seus pensamentos antes mesmo de estes lhe ocorrerem. Era impossível contar quantas vezes ele a tinha acusado, em tom de brincadeira, de ser médium. O coração de Dave

encheu-se de um estranho misto de felicidade e saudade. Era por isto que ele não falava dela, do tempo que tinham passado juntos.

— Bem, pode dizer-lhe que ela tinha razão. Adeus, Sr. Miller.

Miller apressou-se a interromper.

— Sr. Hall, por favor, há mais uma coisa. A Sr.<sup>a</sup> Linden pediu-me que lhe desse um recado quando recusasse.

Será que aquela conversa nunca mais acabava?

— Pronto, diga-me lá. Mas depois vou desligar.

— Ela disse... — Bill Miller aclarou a garganta, para ganhar tempo. — Hum... bem... Ela queria que eu dissesse «Deves-me isso».

Aquelas palavras atingiram Dave como uma estalada. Agarrou a bancada para se segurar.

De repente, não conseguia premir o botão vermelho para desligar a chamada. Não conseguia formar palavras para dizer todas as coisas desagradáveis que tinha estado a acumular na sua cabeça. Só conseguia estar ali sentado, incapaz de falar, porque o que aquele homem tinha dito estava certo. Dave estava mesmo em dívida para com Lillian, mais do que qualquer pessoa, para além do que eles os dois pudessem imaginar.

## CAPÍTULO 4

DAVID – DIA 1

### *Fiji*

O tempo está perfeito. As palmeiras dançam e a água azul e vítrea como que me pisca o olho à luz do Sol, tentando atrair-me até à sua margem. E aqui estou eu, sem interesse nenhum.

Estou com a mesma roupa que vesti há mais de vinte e quatro horas, e os sapatos chiques de cabedal que a Beth me deu no Natal passado estão a apertar-me os dedos a cada passo que dou no asfalto pegajoso. Mas isso não é nada, comparado com a tortura que me espera naquele avião.

É irritante para a Janice e para os meus colegas de trabalho, mas eu detesto as Fiji e Adiata Beach. Não tem nada a ver com o arquipélago no meio do Pacífico Sul propriamente dito. Tem mais a ver com o facto de estar sempre às ordens de desconhecidos arrogantes durante duas semanas inteiras — idosos, normalmente. E assim que entrar naquele pequeno jato apertado terei de fingir que gosto destas pessoas.

Não sei o que é que o facto de os últimos cinco vencedores da Viagem de Sonho terem mais de setenta anos diz da Carlton Yogurt. Pelo menos, aquela campanha para «se tornar mais regular» com probióticos especiais está a resultar. Nota para mim mesmo: arranjar emprego numa empresa jovem e na moda, como a Pixar ou a Apple. Não ganharia uma viagem às Fiji todos os anos, mas também não teria de falar sobre a frequência com que as pessoas fazem cocó.

Acho que perdi de vez o interesse pelo Pacífico Sul, porque agora,

quando venho às Fiji, só consigo pensar em que tipo de *babysitting* vou ter de aturar este ano. Pelo menos, desta vez, é só por uma semana.

É esse o meu mantra: é só uma semana, é só uma semana. Repito-o a cada degrau que subo do escadote vacilante de metal que dá para a cabine do jato. Semicerrando os olhos, vejo a imagem da Theresa a ficar nítida, com o seu cabelo impecável, apesar do calor. Estou certo de que a responsabilidade é de uma lata de laca Aqua Net. No entanto, é bom ver uma cara conhecida, e a dela é sempre tão simpática.

— Olá, Dave, que bom voltar a ver-te! — cumprimenta-me. — Ouvi dizer que acabaste de te juntar a nós, ainda bem que pudeste vir para a melhor parte. Ilha tropical privada, estância com tudo incluído... Querido, quem me dera saber como arranjar um emprego como o teu.

Encolho-me. Felizmente ela não repara; está demasiado ocupada a levar a minha mala de mão e a arrumá-la num compartimento junto ao *cockpit*. Virando-se, inclina a cabeça na direção da porta do *cockpit*, e o seu doce sotaque arrastado do sul transforma-se num sussurro:

— Em vez disso, tenho de aturar ali o Capitão Kent Mãozinhas.

— Calculo que tu e o Kent já não estejam juntos? — No ano passado, quando viviam juntos, ela não parecia importar-se com as mãos inquietas do Kent.

Theresa abana a cabeça.

— Não, mas as mãos dele ainda não se aperceberam disso. — Ri-se da própria piada, antes de mudar de assunto. — Então, como está o bebé? Tens fotos?

A palavra «bebé» faz-me sentir picadas no peito.

— Não há bebé nenhum, Theresa. Pelo menos, para já.

Theresa dá meia volta nos seus saltos azuis e atarracados; os cantos da sua boca viram-se para baixo, como se alguém forçasse uma expressão triste no seu rosto naturalmente alegre.

— Lamento, Dave. Pensei... Disseste que tu e a tua mulher estavam a tentar ter um bebé já há duas viagens; e no ano passado disseste que iam tentar aquela coisa do *in vitro*, por isso presumi que...

Porque é que eu disse às pessoas que estávamos a «tentar» ter um bebé? Inicialmente, fizeram piadas e deram-me cotoveladas maliciosas. Agora só resta a pena.

— O *in vitro* também não resultou. Vamos tentar uma última coisa, e depois... — Encolho os ombros, sem saber o que virá a seguir. Se me apetecesse contar todos os pormenores da minha vida pessoal, dizia-lhe que

a Beth está em menopausa prematura e que estamos a usar óvulos de uma dadora. Dizia-lhe que quero explorar a ideia da adoção, mas a Beth está obcecada com a ideia de engravidar. Mas não digo nada, porque ela não vai compreender. Ninguém pode compreender.

— Desculpa, Dave, não sabia — diz ela, como se estivesse a cumprimentar família e amigos num funeral.

— Não faz mal. — Aperto a pega da mala do meu portátil; uma, duas vezes. — Bem, eu provavelmente devia ir cumprimentar o Capitão Tu Sabes Quem.

Theresa bate com as longas unhas fúcsia numa porta pequena com o sinal de EMERGÊNCIA, e o plástico produz um som oco a cada pancada.

— Claro, fofo, vai lá. Levo-te a tua bebida quando estiveres pronto.

Felizmente, ela dá meia volta e vai-se embora sem tentar desculpar-se novamente. Se calhar, conviver com desconhecidos é exatamente aquilo de que preciso. Bato levemente à porta fina de metal do *cockpit*. Visto que ninguém atende, abro-a totalmente.

— Ei, docinho, traz-me um café, sim? — diz Kent, sem se virar. — Ah, e vê onde anda o Sr. R.P.. Temos de sair daqui nos próximos dez minutos, senão vamos esperar uma hora na fila. — A careca dele aumentou para o dobro desde que o vi há um ano, e o cabelo loiro que lhe restou está rapado curto. Não é um bom visual. Não devia ficar satisfeito com isso, mas fico.

Aclaro a garganta, e ele dá conta da minha chegada, sem um pingo de embaraço. Acho que o Kent nem sequer sabe o que é embaraço.

— Olá, meu, ainda bem que vieste. Agora vai sentar-te para podermos levantar voo, e fecha-me a porta, está bem?

Fim de conversa. Nunca saberei porque é que tento ser sociável com aquele homem das cavernas. Batendo com a porta, tento não me irritar e volto a apertar com força a pega da minha mala, uma e outra vez. Continua a não dar resultado.

Enquanto desço rapidamente o corredor estreito em direção à cabine, não consigo evitar um sorriso. Passei dezenas de horas neste avião nos últimos anos. Agora já é familiar, quase acolhedor. Todos os pequenos defeitos me são queridos, como a fenda do tamanho de um fio de cabelo na porta da casa de banho ou o farol na traseira do avião, que está fundido há dois anos.

Além dessas pequenas irregularidades que só alguém que conhecesse bem o avião é que daria conta, o interior não é nada de especial: cinco assentos de cabedal castanho-claro e mesas completas rebatíveis, acessíveis a cada um dos assentos da frente, pequenos ecrãs que nos fazem pensar que

vão passar um filme durante o voo. Não vão, mas a ilusão é perfeita para os vencedores do concurso. É como voar numa caixa de sapatos chique e, por mais que eu deteste toda esta viagem, preferia estar aqui do que em casa.

— Já sabes como é, fofo: escolhe o lugar que quiseres, aperta o cinto e desliga todas as tuas enghocas até estarmos no ar. Avisa-me se precisares de alguma coisa. Temos alguns petiscos e refrescos na dianteira. Fora isso, descontraí.

— Obrigado, Theresa. — Não estou a prestar grande atenção, pois estou concentrado nas vencedoras. Enfio a mala do meu portátil debaixo do primeiro assento na fila da frente, enquanto a Theresa sobe até à dianteira do avião, mantendo um olho atento às mulheres da segunda fila. À esquerda, uma senhora mais velha, com cabelo castanho-claro volumoso, já está a ressonar. Deve ser a Margaret Linden.

A Janice deu-me uma ficha resumida acerca de cada uma das mulheres, para me ajudar a recuperar terreno depois de ter começado mais tarde, por isso sei algumas coisas sobre a Margaret: é a vencedora da viagem, é idosa (que surpresa), vive no Iowa e optou por trazer a nora, Lillian, como sua acompanhante.

Do outro lado do corredor, uma mulher mais nova está encostada à janela, com a cortina totalmente aberta. Está a segurar um livro, mas este está inclinado, abaixo do assento à sua frente, por isso não consigo ler o título. Gostava de saber o que está a ler. Está tão concentrada que nem parece reparar que o seu cabelo castanho lhe cai sobre o rosto sem maquilhagem, já bronzeado de uma semana na praia. O Sol atinge-a na perfeição, como se estivesse banhada em luz artificial para um filme. Fico com a boca seca — é deslumbrante.

Sorte a minha. Tenho muito jeito para senhoras idosas — calculo que seja por ter muita prática — mas as mulheres bonitas deixam-me todo ansioso e irrequieto, e digo-lhes coisas incrivelmente estúpidas. E pensar que ainda agora estava a queixar-me dos velhotes.

A minha pulsação palpita-me nas têmporas. Com sorte, talvez me tenha lembrado de atirar *Tylenol* para dentro da mala, ou a Theresa tenha algum. Esfregando os lados da cabeça, tento lembrar-me do que estava na ficha dela: *mulher de 30 anos, nora da Margaret, mãe e dona-de-casa*. Nem sequer tinha olhado para a foto do passaporte dela. Mais tarde ou mais cedo, vou ter de falar com ela, mas agora não. Agora preciso de medicamentos, imediatamente. Puxo a minha mala, e a dor de cabeça só piora enquanto estou inclinado para baixo. Finalmente, consigo tirá-la e remexo

os pés para evitar cair. Será que este dia ainda pode piorar? Deixando cair o volumoso saco de cabedal em cima do meu assento, abro o fecho do bolso da frente. Se os medicamentos estiverem em algum lado, há de ser aqui.

As minhas mãos vasculham por entre tralha do escritório: canetas, pedaços de papel e uma quantidade surpreendente de moedas de um cêntimo, e eu praguejo em voz baixa. Se eu simplesmente me organizasse, como a Beth me diz sempre para fazer, não estaria metido nesta confusão. Raios. Estou a fechar o fecho com mais força do que o necessário quando reparo nuns olhos verdes e brilhantes a fitarem-me. A «acompanhante». Está a franzir os lábios, como se estivesse a conter uma gargalhada, e acena-me como se fôssemos amigos de longa data que se voltam a encontrar depois de uma longa separação, o que me faz entrar em pânico por instantes. Não; eu lembrar-me-ia daquele sorriso, ou pelo menos iria lembrar-me de que ele me deixava as palmas das mãos suadas e os cotovelos com formigueiro.

Levando um dedo aos lábios, ela aponta para a Margaret Linden, que está a dormir, e murmura sem produzir um som:

— Mais tarde.

— Está bem — respondo, levantando o polegar estupidamente. Sou mesmo mau nisto.

Quando ela volta a pegar no livro, eu afundo-me no assento, pousando o portátil em cima das coxas. A minha cabeça está tão cheia de pensamentos contraditórios que até dou um ligeiro salto com o som do portátil a ligar-se.

Não sei como é possível desejar estar em casa e, ao mesmo tempo, estar satisfeito por estar longe dela, mas é. Parte de mim anseia pela Beth. Quero encontrar um fio de cabelo dela enrolado no botão da minha camisa a meio do dia, ou ouvir a porta da frente a abrir-se e saber, pelo ritmo dos seus passos, que ela chegou a casa. No entanto, aqui sentado, sozinho e com um portátil cheio de e-mails, estou mais livre do que tenho estado em meses.

Nunca imaginei que tentar ter um bebé podia ser tão stressante. É algo *tão* fácil que outras pessoas o fazem por acidente, mas, pelos vistos, é demasiado difícil para nós. Esfrego a cana do meu nariz com força, como se pudesse apagar essas memórias: os meses de discussões, as tabelas e medições de temperatura e os testes de gravidez negativos. Tenho de esquecer, porque neste momento há três pequenos embriões a acomodarem-se no útero da Beth. Se todos pegarem, podemos ter trigêmeos. Trigêmeos. Sei que a ideia devia assustar-me, mas não assusta.

Ainda bem que estou aqui, é bom ter algum espaço entre nós para

poder aliviar o ambiente antes de ir para casa. Depois das análises ao sangue, poderemos fazer novos planos. Se os embriões não resultarem, há uma hipótese de a Beth estar disposta a abrir mão da sua obsessão pela gravidez. Podíamos voltar a falar sobre adoção. Afinal de contas, o mais importante é termos um filho; estou ansioso por ser pai. Esta pausa pode ser a melhor coisa que já nos aconteceu.

O telemóvel a vibrar no bolso das minhas calças faz-me dar um salto. Ainda bem que o pus em modo de vibração no meu último voo, senão a Sr.<sup>a</sup> Linden teria sido bruscamente acordada pelo meu toque dos AC/DC. Provavelmente é o Sr. Janus, a confirmar se cheguei a tempo ao avião. Antes de levar o telemóvel ao ouvido, vejo a Theresa a espreitar para a cabine e a franzir o sobrolho.

— Dois minutos — murmura ela quando o telemóvel volta a vibrar. Aceno com a cabeça e carrego no botão de atender.

— Estou?

— Dave? — responde a Beth, com a voz rouca e inflamada.

— Ora viva, o que se passa?

— Precisava de ouvir a tua voz. — Solta um pequeno suspiro, como se ficasse aliviada por me ouvir falar. — A noite passada foi a pior da minha vida, queria que tivesses estado aqui para me ajudar. — Fica com a voz presa na garganta, o que me faz endireitar-me ligeiramente.

— O que aconteceu, Beth?

— Lamento tanto, Dave... Não sei o que se passa comigo. Eu... Comecei a sangrar na noite passada e fui ao médico hoje de manhã. Ele disse... disse que estávamos a perder os embriões. — Cospe as palavras como se fossem visitas indesejadas.

Viro-me para a janela e sussurro:

— O-o que queres dizer com isso? Como raio é que isso aconteceu? Eles disseram que só íamos saber daqui a uma semana.

Ela deixa escapar um choro abafado.

— Esqueci-me de tomar as injeções.

— Como assim, «esqueceste-te»? — Ela sabia o quanto aquelas injeções eram importantes. O corpo dela não produz hormonas suficientes para gerar os nossos bebés. O Dr. Heart tinha deixado isso bem claro.

— Não sei, esqueci-me. Não estavas aqui para me lembrar, e eu tenho andado tão ocupada com o trabalho, e as injeções deixam-me exausta. Esqueci-me, simplesmente. Bem te disse para não te ires embora. Bem te disse que precisava de ti aqui.



— Como é que pudeste *esquecer-te*, Beth? Isto não é o mesmo que dar de comer a um cão de manhã; esses podiam ter sido os nossos bebés. — Os *MEUS bebés*, quero gritar, mas contenho as palavras antes que me escapem.

— Quantas injeções falhaste?

— Três — sussurra ela.

Três. Não compreendo. Estive fora quanto tempo, vinte horas? Não foram dois dias e, definitivamente, não foram três. Eu estava em casa durante duas dessas injeções «esquecidas». Perguntei-lhe como se sentia depois de cada injeção, mimei-a, certifiquei-me de que ela se sentia bem. A Beth *disse-me* que visitou a sua amiga enfermeira, Stacey, todos os dias, que ela lhe deu as injeções, que nem sequer sentiu dor. Porque é que mentiu?

Não consigo respirar. Nunca fui claustrofóbico, mas deve ser esta a sensação: como se não houvesse oxigénio suficiente na divisão, como se as paredes estivessem a fechar-se. Arranhando o botão de cima do meu polo, puxo-o com força, enquanto me debato com a única ideia em que não quero acreditar: ela fez isto de propósito. Encosto a testa ao plástico frio da janela do avião. A mão que segura o meu telemóvel treme, enquanto tento acalmar-me o suficiente para falar.

— Dave, querido, estás aí? Por favor, não fiques chateado comigo, está bem? Vá lá, amor, fala comigo. Por favor. — A voz dela arranha-me os ouvidos.

O avião arranca com um solavanco e puxa-me de volta ao presente. As portas fecharam-se silenciosamente durante a minha conversa. A Theresa está de pé, na passagem entre o *cockpit* e a cabina. Ali está novamente aquele olhar de pena. Ela aponta para o telemóvel, fazendo-me sinal para o desligar, para podermos levantar voo.

— Tenho de desligar, vamos levantar voo. — Fico surpreendido com a aspereza da minha voz.

Beth funga ruidosamente.

— Tudo bem. Liga-me mais tarde, está bem?

— Sim, claro.

— Amo-te — sussurra ela.

Não consigo retribuir.